

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRO-REITORIA DE ENSINO, GRADUAÇÃO E EXTENSÃO E INTERIORIZAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO EXPRESSÃO DA
CULTURA E DA RELIGIOSIDADE DOS MORADORES DO IGARAPÉ DO LAGO**

Macapá-AP
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRO-REITORIA DE ENSINO, GRADUAÇÃO E EXTENSÃO E INTERIORIZAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO EXPRESSÃO DA
CULTURA E DA RELIGIOSIDADE DOS MORADORES DO IGARAPÉ DO LAGO**

Trabalho de Conclusão de Curso,
Apresentado ao Colegiado do Curso de
Educação Artística da Universidade Federal
do Amapá - UNIFAP, como requisito
obrigatório para obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Educação Artística,
sob a Orientação do Prof. Dr. Romualdo
Rodrigues Palhano.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
PRO-REITORIA DE ENSINO, GRADUAÇÃO E EXTENSÃO E INTERIORIZAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

**A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO EXPRESSÃO DA
CULTURA E DA RELIGIOSIDADE DOS MORADORES DO IGARAPÉ DO LAGO**

ANA CLÁUDIA DOS SANTOS VALE
LINDACI PINTO FAVACHO
MARIA DA CONCEIÇÃO FREITAS DO NASCIMENTO
NELMA CASTELO SILVA DOS SANTOS

Orientador (a) Prof. Dr. Romualdo Rodrigues Palhano

Avaliador (a) Profa. Sílvia Carla Marques Costa

Avaliador (a) Josuel da Silva Souto

Macapá-AP
2008

Dedicamos este trabalho aos nossos professores pelo aprendizado e assistência no decorrer do curso;

Em especial aos nossos familiares pela dedicação e compreensão no êxito acadêmico.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela coragem e força para superar obstáculos à nossa formação acadêmica e, principalmente por nos sustentar nos momentos de cansaço e fraqueza;

A nosso Orientador Prof. Dr. Romualdo Rodrigues Palhano pela dedicação e tempo disponibilizado para a correção do trabalho.

“Quando começamos com certezas, acabamos na dúvida; porém, se nos satisfazemos em começar com dúvidas, acabamos na certeza”.

Francis Bacon

RESUMO

Este trabalho apresenta a cultura e as tradições religiosas associadas a festividade de Nossa Senhora da Piedade na Vila do Igarapé do Lago, tendo como objetivo analisar de que forma a festa de Nossa senhora da Piedade contribui para que a cultura e a identidade dos moradores da Vila do Igarapé do Lago seja preservada, mesmo diante das dificuldades em se manter as tradições da comunidade. Como metodologia para a elaboração do trabalho foram utilizadas fontes bibliográficas que discutem os conceitos de cultura, tradição e religiosidade, além da pesquisa de campo ocorrida na comunidade do Igarapé do Lago mediante entrevistas e observações que evidenciaram como a festividade religiosa influencia a cultura e os hábitos de cada moradores da vila, chegando-se a conclusão de que a mobilização em torno da festividade revela traços culturais e ritualísticos que são transmitidos de geração em geração de modo a manter as características principais da comemoração.

Palavras-chave: cultura, festividade, Igarapé do Lago

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| CAPÍTULO I – CULTURA: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA..... | 11 |
| 1.1 CULTURA: CONSTRUINDO UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO..... | 11 |
| 1.2 CULTURA POPULAR E COMUNICAÇÃO..... | 14 |
| 1.3 RELIGIOSIDADE E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA... | 15 |
| CAPÍTULO II - CULTURA AMAPAENSE: UMA VISÃO ATUAL..... | 17 |
| 2.1 A CONTRIBUIÇÃO DAS DIFERENTES CULTURAS PARA A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE AMAPAENSE..... | 17 |
| 2.2 A LUTA PELA CULTURA E A IDENTIDADE NEGRA..... | 23 |
| 2.3 CULTURA AMAPAENSE: dilemas e perspectivas..... | 26 |
| CAPÍTULO III – HISTÓRICO DA VILA DO IGARAPÉ DO LAGO..... | 31 |
| 3.1 IGARAPÉ DO LAGO: HISTÓRIA E TRADIÇÃO..... | 31 |
| 3.2 A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE..... | 34 |
| 3.3 A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO EXPRESSÃO DA CULTURA E DA RELIGIOSIDADE DOS MORADORES DO IGARAPÉ DO LAGO..... | 37 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| REFERÊNCIAS..... | 44 |
| ANEXO..... | 47 |

INTRODUÇÃO

A cultura, do modo como é concebida nos dias atuais, torna-se uma denominação sujeita a várias interpretações. Além da religião, fazem parte da cultura os modos de alimentar-se, de vestir-se, de combater ou de seguir os rituais religiosos. Os antropólogos que seguem este conceito dividem-se entre aqueles que se interessam em procurar aquilo que é comum entre as várias culturas espalhadas pelo mundo, e outros que têm o seu interesse voltado exclusivamente para o que é original, singular, único, naquela cultura.

Isso leva o pesquisador a compreender que durante boa parte do século XX e no início do século atual a cultura continua no centro dos debates em torno de sua importância na formação do indivíduo e na tolerância aos hábitos que são vistos como excêntricos ou mesmo diferentes dos padrões comumente aceitos.

Reconhecendo que a discussão em torno do assunto merece ser revista, escolheu-se como tema para o desenvolvimento do trabalho “A festa de Nossa Senhora da Piedade como expressão da cultura e da religiosidade dos moradores do Igarapé do Lago” que se apresenta como uma oportunidade para se rediscutir os conceitos associados a cultura e aos hábitos de comunidades que guardam tradições religiosas por um período extenso de anos, partindo-se de uma visão antropológica que destaque a influência dos hábitos e costumes da comunidade sobre a formação da identidade da comunidade amapaense.

Assim sendo, deve-se reconhecer que a identidade de um povo, num Estado nacional, pode se transformar, lentamente, seguindo as modificações históricas ou de forma mais veloz, sobretudo em períodos de guerra ou de grandes transformações locais ou mundiais. Muitas vezes tais mudanças são geradas durante certo tempo e, a partir de algum movimento, tornam-se visíveis.

Nesse sentido, para entender o presente, é preciso compreender o que a história significa no passado e para o futuro e, ainda, a diferença entre a história, os pontos de vista históricos e as interpretações da história.

Diante desse pressuposto, o objetivo do trabalho consistiu em analisar de que forma a festa de Nossa senhora da Piedade contribui para que a cultura e a identidade dos moradores da Vila do Igarapé do Lago seja preservada, mesmo diante das dificuldades em se manter as tradições da comunidade.

Desse modo, o trabalho apresenta algumas definições sobre o significado da festividade e a forma como os rituais são seguidos em homenagem a santa, o que obriga o pesquisador a manter-se atualizado com o conhecimento e com as formas de desenvolvimento do processo de ressignificação da identidade cultural.

Assim, no I capítulo, analisam-se os principais referenciais bibliográficos que tratam de temas como o conceito antropológico de cultura, além de se destacar a noção de cultura popular e o processo de comunicação social, destacando-se a importância da cultura para a comunidade do Igarapé do Lago.

No II capítulo, discute-se a cultura amapaense e as contribuições dos diversos grupos sociais para a formação de uma identidade característica do Estado, reforçando-se os dilemas e perspectivas enfrentados para a manutenção das tradições e os hábitos culturais.

Finalmente, a festa de Nossa Senhora da Piedade é descrita, a partir da localização da comunidade de Igarapé do Lago, destacando-se as informações prestadas à equipe por alguns moradores da vila à respeito da importância da festividade para a preservação da cultura e dos hábitos religiosos do povo amapaense em sua totalidade.

CAPÍTULO I – CULTURA: UMA VISÃO ANTROPOLÓGICA

1.1 CULTURA: CONSTRUINDO UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO

A cultura enquanto área de conceitualização das políticas e práticas, em vários domínios, para a construção de uma sociedade plural, tem constituído, em alguns países ocidentais, terreno de debates e polémicas, confrontando diferentes ideologias quanto aos modos de promover as especificidades de determinado povo ou comunidade.

Desses debates emergem conceitos diversos no campo da antropologia. Na antropologia a cultura encontrou suas raízes e os seus suportes teóricos determinantes. Nesse aspecto, os conceitos de cultura são referenciais, embora com diferentes usos e implicações ideológicas que importa analisar.

Essa análise tem como quadro de fundo, o modo como a antropologia enquanto ciência social, foi se relacionando e influenciando o desenvolvimento do culturalismo.

“Em certa medida culturalismo é uma antropologia aplicada, mas, apesar desta contiguidade o diálogo entre ambos não tem sido intensivo e as influências não podem, de imediato, ser vista linearmente”: (Viegas, 2000, p. 32)

Nesse sentido também o conceito mais freqüente de cultura contém em si constrangimentos ao desenvolver uma definição antropológica, especialmente pela insistência numa concepção estática de cultura, ou seja, conforme explica Meirelles (1992, p. 32) *“cultura enquanto conjunto de características mais ou menos imutáveis atribuídas a grupos de pessoas, vincando o carácter totalizante das sociedades e os seus aspectos integradores e funcionais”*.

Assim vista, a cultura é um todo funcional homogêneo, transmitido de modo semelhante de uma geração para outra. Esta perspectiva de cultura, aliada ao conceito de relativismo cultural, tem dado origem a uma concepção dominante de multiculturalismo que se concentra nas variáveis identidade e diversidade culturais, desvalorizando denominadores inter-culturais comuns que desafiem mudanças culturais e sociais.

“A crescente heterogeneidade das sociedades com a intensificação das migrações e das interações étnicas, a globalização das relações interculturais e os movimentos em favor dos direitos humanos apontam direções que já não podem ter suporte nos conceitos tradicionais de cultura e de relativismo cultural. O respeito pelo outro diferente é cada vez mais função do modo como são reconstruídas e modificadas as interações do que do aprisionamento dos homens nas fronteiras de definições estáticas”. (Almeida, 2001, p. 54)

Na realidade, é possível afirmar que não existe uma única definição de cultura, ainda mais porque, em se tratando de conceito que se institui como eixo disciplinar da Antropologia, suas definições vêm acompanhando as próprias transformações e disputas no interior do campo. Mas, se a compreensão em torno da expressão refere-se a um sistema de significados que cria algum tipo de identidade compartilhada, *“uma espécie de código que orienta as práticas sociais de pessoas pertencentes a vários grupos e categorias sociais dentro de uma sociedade”*, então se pode dizer que o caminho para o entendimento total do que seja a cultura se torna mais simples e condizente com a realidade histórica e social de cada grupo (GEERTZ, 1989, p. 27)

À luz dessa questão, torna-se indispensável à problematização do conceito de cultura de modo a considerá-la uma elaboração coletiva, em transformação constante responsável pelas mudanças das sociedades e dos indivíduos. É esta perspectiva de cultura na diversidade que está implícita a um multiculturalismo crítico que vise mudanças culturais e sociais, que dê lugar à expressão das culturas minoritárias e que, finalmente, promova a igualdade real de oportunidades.

Com base nisso, a cultura é entendida como um meio para atingir um fim, a partir do destaque dado aos princípios e elementos comuns às culturas no sentido de *“estabelecer uma cultura democrática com fortes denominadores comuns em permanente mudança, sem determinismos baseados na tradição e na autoridade”*. (MEIRELLES, 1992, p. 59)

Ao se definir a palavra cultura a partir dessas considerações, teríamos uma riqueza de possibilidades, porque a cultura, pensada como um conjunto de idéias, valores e conhecimentos, traz dentro de si, em primeiro lugar, a dimensão do

passado. Muitos conhecimentos foram herdados de outras gerações, a cada ano que passa as sociedades acumulam mais conhecimento. Cada vez mais a dimensão cumulativa, a dimensão de passado, se impõe. Conforme Almeida (2001, p. 63) “*é extraordinário como a memória de um povo tem que ficar cada vez mais enriquecida*”.

Sem dúvida nenhuma, a primeira idéia que se tem quando se menciona o termo cultura é a de “*transmissão de conhecimentos e valores de uma geração para outra, de uma instituição para outra, de um país para outro*”, ou seja, subsiste sempre a idéia de algo que já foi estabelecido em um passado - que pode ser um passado próximo ou um passado remoto.

Porém, não basta que os homens herdem do passado todas essas riquezas, é preciso que continue a aprofundar certas práticas. Se a cultura está sempre em progresso, ela não pode ser algo estabelecido para sempre.

No mundo contemporâneo, o homem está cada vez menos atento à rigidez das fórmulas e cada vez ciente de como a cultura é um complexo de conhecimentos científicos, técnicos e não só históricos. Não basta apenas pesquisar a cultura em si, mas também estendê-la na linha da comunicação, na linha da socialização, na linha da religiosidade e fazer com que este conhecimento seja compartilhado, distribuído, da maneira mais justa e mais ampla possível, o que é próprio da sociedade democrática.

“Tanto no estudo da cultura de sociedades diferentes quanto das formas culturais no interior de uma sociedade, mostrar que a diversidade existe não implica concluir que tudo é relativo, apenas entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre ela (...)”: (Santos, 2006, p. 20)

A dimensão propriamente social da cultura, hoje está muito vinculada à própria idéia de cultura. Tanto é verdade que é comum ouvir expressões do tipo: “cultura de cidadania”, “cultura ecológica”, como se cultura fosse não só uma somatória de conhecimentos, uma enciclopédia, mas também um comportamento público.

Essas expressões estão ligadas a uma concepção democratizante da palavra cultura, que não existia há algum tempo atrás, o que é sinal de progresso. Santos (2006, p. 33) afirma então que *“cultura hoje significa não só conhecimento, mas valor. Significa não só soma de informações, mas atitudes públicas, o que enriquece extraordinariamente a palavra e mostra uma evolução”*.

Nesse sentido específico, a palavra é usada às vezes como sinônimo de população, de etnia. A grande vantagem desse significado preciso é a superação do etnocentrismo¹, a superação do preconceito de que há só uma perspectiva correta, ideal, capaz de julgar todas as outras. Embora o etnocentrismo seja ainda muito forte, vem crescendo a idéia de que todas as culturas merecem a mesma consideração, o mesmo respeito, e que o ideal da globalização, além da interdependência econômica, que gera tantos desequilíbrios, a interdependência cultural. Hoje. Mais do que em qualquer outra época tem-se acesso pela imagem, pelos livros e pela mídia, a outras culturas, e desenvolveu-se uma cultura da tolerância, que vem a ser também uma conquista recente.

No que diz respeito à cultura brasileira é necessário tornar claro, de imediato, que não existe uma única cultura nacional. Ao se reportar a cultura é sempre importante manter uma perspectiva plural.

1.2 CULTURA POPULAR E COMUNICAÇÃO

A cultura popular pertence estruturalmente a uma classe social definida dentro do sistema de produção capitalista, que é o povo, com seus modos de pensar, agir e sentir e comunicar seu universo cultural. Aqueles que apenas têm acesso aos modos de produção capitalista e não posição de mando ou de influência.

Atualmente, o processo de intercomunicação da cultura de massa não permite distinção entre cultura popular e cultura erudita. A cultura popular foi perdendo suas características assumindo-se a tendência de formação de uma sociedade unicultural. Assiste-se hoje ao processo de aculturação dos povos em muitas sociedades, como é o caso da cultura negra.

¹ S. m. Tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como parâmetro aplicável a todas as demais.

O ato da comunicação está no cerne da globalização e da sustentação da diversidade cultural. É na comunicação que o indivíduo expressa sua identidade, opiniões e intenções, e as confronta com outros indivíduos oriundos de contextos culturais distintos. Como bem expressa Marconi (2006, p. 38) *“no ato comunicativo se misturam a diversidade de perspectivas, origem do multiculturalismo, e a perspectiva de cada qual, fundamento vivencial de identidade pessoal, para (...) chegar ao acordo fundador da ciência e da sociedade, a saber: que dando razões e motivos se estabelecem consensos e dissensos”*.

Há uma crescente degradação da diversidade cultural no mundo que caminha junto com a degradação ambiental, como irônico tributo à indissociável inter-relação entre as diversidades, biológica e cultural.

Em um mundo globalizado em que todas as atividades se integram cada vez mais, a hegemonia de uma cultura que tenha tendência a descartar as outras, em função de seu poderio econômico e tecnológico, é vista como uma ameaça real.

O direito à comunicação da cultura, embora consagrado na Constituição de muitos países, carece, na prática, de pleno usufruto por minorias culturais, sociais e lingüísticas, incluindo-se o grupo pertencente à população negra no território brasileiro e, mais especificamente, no Estado do Amapá.

Realizar um exercício interpretativo capaz de auxiliar na compreensão de tudo o que está envolvido no componente cultura/comunicação é algo bastante complexo e tal exercício, não raramente, leva a uma subjetividade que deve ser combatida. Para que se possa conseguir avanços, é importante manter o exame das formas simbólicas tão estreitamente ligadas quanto possível *“aos acontecimentos sociais e ocasiões concretas, ao mundo público da vida comum, e organizá-lo de tal forma que as conexões entre as formulações teóricas e as interpretações descritivas não sejam obscurecidas”* (GEERTZ, 1989, p. 40).

1.3 RELIGIOSIDADE E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA

O sentimento religioso constituiu em épocas passadas, *“um fruto da racionalidade do homem ocidental moderno, estabelecendo ainda hoje a chave por*

meio do qual o homem compreende o estar no mundo, orientando suas ações e definindo suas relações com o universo social e cultural". (VAINFAS, 1997, p. 329)

Vários trabalhos acadêmicos discutem a respeito da erudição da história e da produção literária na área da religião, buscando uma explicação científica sobre a originalidade do imaginário religioso e o poder do sagrado sobre a definição do sentido e do destino da condição humana, bem como a sua situação existencial, numa abordagem que conjuga a ciência, a história e a religiosidade.

"As verdades que envolvem a religião não são definitivas, pois novas conclusões podem ser elaboradas e medidas em que o conhecimento científico se desenvolve. É função da História, enquanto ciência, com os pressupostos epistemológicos e metodológicos que a envolvem intervir discussão para que se defina até que ponto a religião ainda influencia na organização política, social e cultural que permeiam a construção individual e coletiva nas relações humanas": (Tepe, 2003, p. 159)

Por conta disso, a discussão
culturais e religiosas é bastar

religiosidade enquanto aceitos e diretamente ligados ao conceito de cultura são parte integrante dela.

Sendo assim, quando surge a afirmação de que ser humano é também, segundo Campbell (1990), um ser religioso, a intenção é dizer que o indivíduo está sujeito a manter contato com aquilo que ultrapassa o imediato, expressando sua fé. O ser humano, historicamente e de maneiras diversas, no tempo e no espaço, sempre se situou afirmativamente com relação aquilo que foge a compreensão racional, que está além das aparências, do contingente, do efêmero. O ser humano vive, em muitos casos, daquilo que extrapola os limites do concreto da existência e, então, torna-se religioso de maneiras diferentes, na história e nos lugares diversos, dependendo de cada cultura.

Em algumas regiões do país as festas populares apresentam um caráter religioso compostas de ladainhas e missas que se misturam às atividades recreativas profanas como o batuque, danças e cantorias que, por sua vez, lembram suas origens africanas e a época da migração forçada para o Brasil.

CAPÍTULO II - CULTURA AMAPAENSE: UMA VISÃO ATUAL

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DAS DIFERENTES CULTURAS PARA A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE AMAPAENSE

O povo do Amapá e sua cultura podem ser classificados como sendo constituídos de uma diversidade étnica com hábitos que se destacam como ímpares. O conceito de cultura é tratado como um fator importante no Estado a ponto das manifestações culturais receberem o devido destaque nas políticas públicas direcionadas ao setor turístico e cultural.

Assim, basicamente, a formação cultural do povo amapaense é decorrente dos hábitos e do percurso histórico de negros, índios e caboclos. Assim, cabe realizar um apanhado da trajetória histórica e social de cada um desses segmentos étnicos para se entender quais os dilemas, as perspectivas e as possibilidades de que a cultura amapaense seja mais rica e diversificada e, ao mesmo tempo, se compreenda como a formação do povo amapaense aconteceu.

A ocupação inicial do espaço amapaense pelos europeus nos séculos XVI e XVII período em que os primeiros aventureiros visitaram a região e navegaram o rio Amazonas, não tiveram a preocupação de conhecer o interior desta área, a presença efetiva, só se concretizou a partir do século XVII, motivada por interesses econômicos que impulsionou a penetração da área, em busca das “drogas do sertão” e do índio para servir de mão-de-obra. Posteriormente com a borracha e a castanha-do-Brasil, cujo ápice ocorreu já no século XX, mais especificamente essa ocupação se tornou mais intensa. (CAVALCANTE, 2000)

Segundo Serrão (1998) para a compreensão da produção do espaço amapaense faz-se necessário um estudo mais detalhado uma vez que este fato está diretamente ligado ao processo de expansão Européia, que foi iniciada pela chegada de Cristóvão Colombo ao continente americano em 12 de outubro de 1492, que levou a Coroa Espanhola, que patrocinava o empreendimento, a pedir à Igreja Católica garantia de direitos sobre as terras conquistadas. O Papa Alexandre VI, sendo espanhol beneficiou a Espanha, criando uma questão com Portugal que foi resolvida em 07 de junho de 1494, entre as duas nações ibéricas com a assinatura do Tratado de Tordesilhas, *“que definia que as terras a 370 léguas a oeste de Cabo Verde seriam da Espanha e a leste de Portugal, acordo que não foi respeitado pelos*

franceses, ingleses e holandeses, por não concordarem com a divisão proposta” (CAXIAS, 1999)

A coroa portuguesa, sabendo da existência de terras no espaço que lhe coubera pelo tratado, no transcorrer de uma viagem as Índias, a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral, propositalmente desviou-se da rota e navegando para Oeste, em 21 de abril de 1500 chegou à terra firme, da qual tomou posse e com o passar do tempo foi denominada de Brasil. As terras amapaenses ficaram dentro da área pertencente à Espanha, que teve início no século XVI buscou melhor conhecê-la enviando diversos navegadores como: Vicente Pinzon, Diogo Lepe.

“O navegador Francisco Orellana, em 1545, partindo do Peru navegou pelo rio Amazonas e litoral amapaense, o insucesso das suas expedições fez com que os espanhóis deixassem de lutar e explorar esta área. Os portugueses então iniciaram o processo de exploração da região supracitada. Em 1553, Luiz Melo da Silva navegou o litoral amapaense, alcançando a costa da Guiana. A expedição foi massacrada pelos índios”: (Cavalcante, 2000, p. 79)

Em 1580 na formação da União Ibérica, esta aliança praticamente anulou o tratado de Tordesilhas, proporcionando aos Portugueses iniciarem a conquista da Amazônia, com a criação do forte do Presépio em 12 de janeiro de 1616 que deu origem a cidade de Belém. Em 1621 a forma administrativa, foi novamente reformulada. As capitanias hereditárias passaram a ser administradas em dois blocos: Estado do Brasil, primeiramente com sede em Salvador, e a partir de 1763, no Rio de Janeiro; e o Estado do Maranhão, que depois se transformou em Estado do Grão-Pará e Maranhão, com sede alternando-se entre as cidades de São Luis e Belém, até 1774, quando a colônia foi novamente unificada. Fazia parte desse Estado ainda a cidade do Ceará, e o vale amazônico sem definição de fronteiras. (GOUVEIA, 2002)

À luz dessa questão, Amaral (1997) afirma que com o objetivo de ocupar o delta do rio Amazonas, os espanhóis em 14 de julho de 1637 iniciaram o povoamento da área criando a Capitania do Cabo Norte, compreendendo as terras que

hoje são amapaenses. Por falta de recursos financeiros e o intenso combate a invasões esta Capitania não prosperou.

Muitas disputas pela posse destas referidas terras ocorreram inicialmente pelas incursões dos ingleses pelas terras que hoje são amapaenses a partir de 1610, já em 1623 estavam estabelecidas em duas fortificações denominadas de Telletite e Uarimuacá no Vale do rio Cajari, no entanto, neste mesmo ano foram expulsos por Pedro Teixeira comandante luso-brasileiro. Outras iniciativas de invasão foram sufocadas por tropas portuguesas que iniciaram a conquista da Amazônia, em função da existência de índios da nação Tucujus na região compreendida entre o rio Jarí e a margem esquerda do Amazonas, desde o rio Paru até a foz, passaram a denominá-la Terra dos Tucujus ou Tucujulândia. Estas terras sofreram litígios e conflitos pela delimitação de suas fronteiras.

Carvalho (2002) descreve a façanha dos portugueses em garantir a posse deste território, sendo que em 1660, as autoridades portuguesas começaram de fato sua política de defesa e segurança da região. Fundaram um fortim á beira do rio Amazonas com o objetivo de conter a invasão francesa, fez com que outros fortes fossem constituídos, um em Macapá e outro na região do rio Paru, o que não resolveu a situação, carecendo de outros meios para que pudesse chegar a um consenso e resolver o conflito de fronteira que se acirrava cada vez mais na região.

Em 1688, os franceses intimaram os portugueses a abandonarem as fortificações construídas acima da margem esquerda do rio Amazonas. Porque segundo o governador de Caiena, a área pertencia ao rei da França. Em 1697, os franceses penetraram nas terras do Cabo Norte, sob o comando do chefe Des Ferroles, apoderando-se dos fortins de Macapá e do Paru.

A coroa portuguesa durante algum tempo usou da legalidade, firmou com os franceses o Tratado Provisional em 04 de março de 1770, pelo qual ficava neutra a área do conflito, onde tanto franceses como portugueses era vedado ocupar as referentes terras, ficavam suspensas quaisquer tentativas de posse de ambas as partes. As duas coroas estavam proibidas de levantar fortificações ou estabelecer núcleos de populações enquanto o assunto não fosse de vez solucionado. Contudo, ambas as partes poderiam penetrar na área para a realização do comércio com os gentios.

Afirma Renoir (1996) que do ponto de vista político, o Tratado Provisional foi desfavorável a Portugal, pois foi uma negação de todo um esforço de soldados,

missionários e dos próprios colonos que tinham dominado e garantido a soberania lusitana das terras, pois não se fez valer o direito baseado no “*uti possidetis*”, teoria que se baseia no direito de quem ocupa primeiro uma determinada área e promove alguma benfeitoria ser o verdadeiro dono.

Em 11 de abril de 1713, sob a mediação da rainha inglesa Anne, ocorreu a assinatura do Tratado de Utrecht entre Portugal e a França, que estabeleceu o rio Oiapoque como limite entre Brasil e Guiana Francesa. Novamente o acordo foi desrespeitado pela França, pois julgaram o tratado favorável a Portugal.

Para fazer frente a tais incursões francesas, o capitão-general João da Maia da Gama, governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, além de promover as rotineiras expedições guarda-costas, programou também outras expedições militares, o que diminuiu substancialmente as invasões francesas no setentrião do novo país. É nesse contexto que as ações administrativas são concentradas no sentido de fortificar a região, garantindo a vida dos povoados e o controle de uma possível invasão estrangeira.

Diante daquela realidade, o governador capitão-general do Pará, João de Abreu Castelo Branco enviou ao Rei D.João V informações sobre a região e de acordo com o Conselho ultramarino emitiu uma carta régia para a instalação de um forte a margem esquerda do rio Amazonas para vigiar o movimento dos franceses e garantir a posse da terra. Então coube a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão, a missão de fundar a vila e Fortaleza de São José de Macapá fato ocorrido no dia 04 de fevereiro de 1758.

A fortificação, por ser grandiosa, lentamente foi sendo construída pelo trabalho do negro e do indígena, com os nativos utilizados principalmente para o transporte de pedras, em canoas da região do rio Pedreiras para o local onde se construiria a Fortaleza de São José de Macapá. A demora na sua conclusão também decorria por descaso do governo português, das intempéries que danificavam e que já estava pronto e as endemias tropicais que acabavam por dizimar muitas vidas.

Foi neste contexto histórico que surgiu a necessidade urgente de povoar a região em questão, sendo que este era um grave problema para a coroa portuguesa. Decorridos quase dois séculos do início da conquista da Amazônia, os apelos e as reais promessas na maioria das vezes, apenas motivavam aventureiros, como foi o

estabelecimento, na região de Francisco Portilho de Melo, um caçador de índios que com centenas deles vindos do Baixo-Amazonas, fixou-se na ilha de Santana.

As preocupações da coroa portuguesa com a ocupação da Amazônia brasileira fizeram com que se entregasse a estratégia de ocupação para garantia do território e o combate a evasões e invasões estrangeiras nos canais de acesso ao Amazonas é evidente, a Vila de São José de Macapá representava o foco da questão de defesa do canal do rio.

Assim, o negro, sendo a principal mão de obra na construção de muitos monumentos, ofereceu uma contribuição importante para a formação da cultura amapaense, sendo que até o presente, verifica-se que a influência de seus hábitos permanece como um legado deixado às gerações posteriores.

Também, apesar dos povos indígenas sempre permanecerem à margem dos padrões culturais brasileiros, pela intolerância e discriminação social e racial da cultura dominante que obviamente estabelece as regras da informação e comunicação, ainda assim é grande a herança cultural para a sociedade amapaense.

“Todas essas variantes fazem parte da cultura indígena e estão interligadas numa única cosmologia: o território ancestral, o espaço ético, mítico, místico, mágico e sagrado da ancestralidade fortalecidos pelos anciãos e anciãs e perpetuados pelos jovens, através da educação informal e natural, reforçados pela educação formal”: (Filho, 2005, p. 29)

Essa visão indígena é uma grande contribuição de vida para a sociedade brasileira e em especial para a cultura amapaense que precisa ser estimulada para um respeito à diversidade cultural.

Mas é preciso considerar que entre as mudanças verificadas no dia-a-dia dos indígenas estão aquelas de ordem econômica, a que os antropólogos denominam economia de subsistência. Mesmo assim, eles continuam a ser, essencialmente, índios, partilhando sentimentos coletivos, sociabilizando-se por uma ideologia de igualitarismo social e com uma visão de mundo própria, em que novas sínteses do passado com o presente estão sendo estabelecidas.

A esse propósito, o trabalho com artesanato nos grupos indígenas sem criar desigualdades nem desarticular seus sistemas de valores e crenças. Obviamente, consciente da importância capital das culturas tradicionais, enquanto referências da própria identidade nacional, é importante não atentar contra a integridade das culturas indígenas.

Ao contrário, é preciso compreender que a autonomia econômica do indígena significa compatibilizar sua produção artesanal com as demandas de suas respectivas culturas. Essas demandas não são mais exclusivamente aquelas ditadas por suas culturas tradicionais e sim, aquelas decorrentes do seu relacionamento com a sociedade abrangente.

À luz dessa questão, poucos indivíduos têm o conhecimento de que o índio não produz objeto de arte, e sim artesanato.

“A diferença entre um objeto de arte e um artesanato é a sua função. O artesanato é geralmente um utensílio doméstico, que serve para a realização de alguma atividade prática. Já a obra de arte é meramente figurativa. Artigos indígenas, para serem autênticos, têm que ter uma função, se não prática, pelo menos representativa dentro de sua cultura”.
(Gomes, 2000, p. 57)

É importante acrescentar que entre as representações da cultura indígena o artesanato amapaense, a música regional e os próprios hábitos do povo herdaram do índio grande parte de suas características.

Thomas (1992) frisa que identidades e tradições não são apenas diferentes de outras, mas são constituídas em oposição a outras. Em situações coloniais assimétricas e altamente politizadas, ocorrem processos *“não somente de selecionar aspectos do passado ou costumes do presente que sejam privilegiados na construção de uma identidade étnica, mas também de rejeitar radicalmente o que é local e tradicional”.* (p. 210)

O autor chama este processo de inverter as identidades e narrativas criadas em situações coloniais *“a inversão da tradição”*, a partir da tendência, de naturalizar a invenção da tradição, o que pressupõe uma afirmação, por parte dos caboclos e índios, das objetificações da cultura que surgem em discursos interétnicos. Podemos

entender a rejeição dessas reificações da cultura como uma resposta cultural dinâmica a uma situação de rápidas mudanças.

2.2 A LUTA PELA CULTURA E A IDENTIDADE NEGRA

Os africanos trazidos forçadamente para o Brasil, tiveram que lidar com o desconhecido e arbitrário; foi nesse contexto numa situação concreta e desfavorável que esta população teve que se reinventar, decorrendo a negociações que se constituíam cotidianamente ou, ainda muitas vezes em forma de resistência. Desta forma a compreensão da territorialidade negra no Brasil perpassa por três dimensões: A história, a memória e as práticas culturais. A memória ao lado da identificação com certos valores culturais aponta fortes sinais que vem pautando os elementos que compõem a população negra na cultura brasileira com toda a multiplicidade que ela carrega.

Historicamente foi difícil e árdua a luta do negro, através de muitas gerações pela destruição do preconceito de raça e de cor, herança da escravidão, para erguer sobre suas ruínas a fraternidade democrática de raças e povos do Brasil.

“O negro foi trazido para o Brasil para atender a uma necessidade básica do colono branco europeu: para ser utilizado como mão-de-obra na lavoura canavieira como antecedente, sabemos que a primeira mão-de-obra utilizada em terras brasileiras pelo homem branco foi a indígena, pois não chegou nem a ensaiar o trabalhador branco como ocorreu nas áreas temperadas da América. Isso porque, em Portugal não havia braços disponíveis e dispostos a emigrar a qualquer preço para as novas terras recém descobertas”: (Júnior, 1997, p. 21)

A substituição da mão-de-obra indígena pelas dificuldades de abastecimento regulares das terras canavieiras do tipo de obra indígena, dada a dispersão do índio pelo território brasileiro e as guerras indígenas em reação à escravidão e a expropriação de suas terras.

Estas razões dificultavam a organização da empresa agro manufatureira do açúcar, que tinha de produzir em larga escala de atendimento aos interesses mercantilistas e por fim, o tráfico negreiro.

Com essas ações buscava-se destruir os valores do negro e forçá-lo a aceitar a idéia da superioridade da raça branca, como meio de dominação e apropriação do trabalho escravo, inferiorizado e adjetivado como vadio, preguiçoso, traiçoeiro entre outros termos pejorativos. Essa ideologia marcou até mesmo o mulato acreditando-se que este estava mais próximo do branco do que o negro, fazendo com que alguns indivíduos negassem os seus próprios valores.

“A historiografia tradicional brasileira elitista e heróica foi usada como instrumento para desfigurar a verdade histórica, deliberadamente ou não foi comum aos historiadores do passado escrever a óptica do colonizador, ou seja, da elite dominante. Daí as incorreções metodológicas; daí os falseamentos ideológicos e históricos”: (Júnior, 1997, p. 49)

Dentre as inúmeras idéias falsas sobre a história do Brasil, citemos a da passividade do negro, isto é, a afirmação preconceituosa e racista de que o negro aceitou a escravidão passivamente. *“Se a historiografia tradicional pretende ressaltar a benevolência branca e a passividade negra, sua atitude não passa de uma tentativa de mascarar a realidade” (SILVA, 1999).*

Os movimentos de luta e reação contra as relações escravistas adquiriram várias formas: suicídios, guerrilhas, insurreições assassinos de feitores e senhores, e as fugas individuais e coletivas, que levaram à formação dos quilombos que caracterizavam verdadeiras territorialidades negras.

Segundo Assis (2002, p. 32) quilombos por definição é *“uma comunidade formada e organizada por negros em luta pela liberdade”*. Também, de acordo com Carril (2000) quilombos são *“famílias majoritariamente constituídas por pessoas negras agrupadas em torno de uma terra de uso comum”*. Esses redutos foram a base da resistência negra contra a escravidão. Em qualquer lugar do Brasil onde prevalecem relações escravistas surgiram quilombos, colocando em polvorosa a aristocracia rural.

“Pequeno ou grande, estável ou vida precária, em qualquer região em que existia a escravidão, lá se encontrava ele como

elemento de desgaste do regime servil. (...) Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruindo parcialmente dezenas de vezes e novamente aparecendo em outros locais, plantando a sua roça, constituindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa.” (Moura, 1998, p. 29)

A história do Brasil colônia não se resume as articulações políticas da coroa portuguesa, sempre preocupada em tirar o máximo de proveito das terras recém achadas e do trabalho escravo para realizar o seu objetivo de explorar os recursos naturais e enriquecer a metrópole, dando pouco ou nenhum destaque a resistência negra, permitindo entender que a escravidão foi bem aceita pelos povos africanos e considerada perfeitamente normal, as fugas de escravos e a posterior formação de quilombos foi uma constante desde os primórdios da colonização ganhando maior destaque no século XVII.

No entanto, hoje, este quadro tende a sofrer algumas transformações pela continuidade dos movimentos de resistência emplacados pelo afro-descendente em nosso país. O passado e o presente de lutas pelo reconhecimento da sua cidadania provocaram nesta população um profundo instinto de resistência em prol da sua liberdade e da valorização da cultura negra, contribuindo para a elevação da auto-estima fazendo cumprir e garantir a plena eficácia do art. 5º da Carta Magna “todos são iguais perante a lei”, na certeza de que não há desiguais, mas diferentes. Sendo assim, o respeito as diferenças culturais deve ser um dos sustentáculos de uma sociedade democrática.

A conquista dos direitos da população negra historicamente foi lenta com pequenos passos, mas a contínua luta contra a discriminação e o preconceito cultural e racial na construção de uma sociedade livre, justa e solidária continuará através da busca da igualdade social entre raças.

2.3 CULTURA AMAPAENSE: dilemas e perspectivas

Entende-se, naturalmente, a diversidade cultural existente na cultura amapaense no seu sentido mais amplo, incluindo religiões, costumes, estilos de vida, tradições e cultura reflexiva.

Essa diversidade, própria da sociedade nortista pode ou não exprimir diferenças etnográficas e territoriais, mas que certamente exprime identidades histórico-sociais, que são também diferenças sociológicas e formas expressivas diferenciadas. Desse modo a cultura surge como forma privilegiada de convergência para a universalidade.

“A diversidade cultural amapaense exprime diversos modos de acesso à universalidade, quando entendemos a cultura como via de acesso aos nexos primordiais da existência humana. Esses nexos a arte, a filosofia ou a própria ciência procuram captar de forma diferente, mas sempre sob o signo da universalidade”: (Oliveira (2002, p. 59)

Essa situação, todavia, surge como solução quando se verifica que é possível traduzir uma cultura na linguagem de outra, reconduzindo ambas à idéia comum de gênero, humanidade, onde estão ancoradas as grandes tensões que comandam a vida.

Nesse contexto a amplitude que assumem as formas culturais (do folclore, à alta cultura, passando pela cultura de massas) da sua dimensão reflexiva, aquela que decodifica esse complexo que envolve simbolicamente os nexos fundamentais da existência, precisa ser pensada num nível mais local.

“É a grande amplitude da forma cultural que torna possível a sua historicização, a sua transformação em força material, fluxo vital, prática simbólica quotidiana. Mas é também por isso que as formas culturais, na sua expressão mais difusa, ou popular, surgem como realidades fragmentárias, caóticas e desordenadas. Deste modo, só a sua dimensão reflexiva permite reconduzir as formas heterogêneas de expressão cultural ao seu significado originário, removendo roupagens simbólicas puramente locais”: (Tomázio, 2000, p. 79)

Assim, uma grande cultura pode traduzir-se na língua de uma outra grande cultura, mas, por exemplo, um dialeto da região amapaense não pode ser compreendido de imediato, a não ser que um indivíduo que pertença àquela cultura lhe ensine.

Por conta disso, a universalidade das formas culturais reconduz-se ao seu núcleo íntimo, essencial, já que é nele que está inscrita uma matriz existencial, uma relação originária, ontológica, primordial do homem com o seu próximo, seja ele conhecido ou não.

Assim, pode-se afirmar que apesar da cultura amapaense ser variada e carregada de influências do índio, do caboclo e do negro, é na presença de uma dimensão universal no núcleo originário das diversas formas culturais desses segmentos que reside a possibilidade desta ser traduzida, sendo isso diferente dos ritos, das práticas sociais e comportamentais que essas formas culturais assumem ao longo do tempo, isto é, no processo da sua progressiva socialização.

Essas formas culturais se exprimem, por um lado, com a linguagem transformada e mecânica no agir cotidiano e, por outro, com a linguagem do poder elas tendem, enquanto tais, a perder universalidade e, por conseguinte, tendem a perder a possibilidade de serem traduzidas.

A questão da diversidade cultural amapaense, a partir de suas perspectivas e dilemas inicia-se verdadeiramente quando as diversas formas de poder se relativizam, perdem a vocação totalizante, se tornam autônomas e diferenciam-se no interior dos sistemas sociais.

Assim, chega-se a um ponto fundamental: quando a cidadania deixa de incluir a necessidade de valorizar a cultura de determinada comunidade, as diferenças passam a não ser entendidas no sentido absoluto, até porque o próprio espírito democrático de convivência das diversas expressões de cultura apresenta-se como um sistema que institucionaliza a diferença no seu próprio interior e que a relativiza em relação ao exterior.

“As verdadeiras sociedades democráticas não fazem (ou não deveriam fazer) a guerra entre si, porque, compreende-se, o princípio do antagonismo absoluto não faz parte da sua gramática. A diferenciação interna dos sistemas sociais, a desvinculação do Estado do seu fundamento étnico-natural e a emergência do cosmopolitismo vieram relativizar a diferença e a descomprimir o espaço da afirmação da diversidade”: (Rawls, 1995, p. 92)

A suposta democracia cultural tende, por isso, cada vez mais, a incorporar na sua essência os princípios da modernidade, deixando de lado tradições e hábitos do passado. Com isso a cidadania do amapaense vai inscrevendo-se cada vez mais num registro moderno.

O fundamento étnico-natural da população para se ancorar aos princípios modernos, precisa então estar sustentado em documentos como a Declaração universal dos direitos do homem, para passar a ser reconhecido.

Assim como acontece com outros documentos que confirmam os direitos dos homens passou-se de um registro naturalista a um registro moderno que tantas vezes não conta com o respeito de muitos cidadãos.

“Neste sentido, não tem fronteiras nem uma identidade substancial pré-determinada. Por isso, constitui-se mais como espaço aberto de afirmação de identidades culturais múltiplas. Que não contradizem a sua vocação universal, por um lado, porque elas próprias, possuem dimensão universal, logo, mantêm com ele um virtual ponto de contato, por outro, porque se exprimem no plano do privado, do não público, constituindo-se como variáveis independentes de um sistema cuja constante é o direito de todos a manifestar a sua cultura”: (Salles, 2002, p. 84)

Nessa perspectiva é a própria universalidade do Estado que garante a diversidade cultural, já que essa é uma universalidade laica que não impõe à sociedade civil concretas opções culturais.

Todo esse pressuposto quando aplicado a realidade da cultura amapaense passa a estar sob uma discussão estimulante. De um lado as iniciativas governamentais para que o cidadão amapaense tenha acesso a sua cultura são planejadas e, em boa medida, executadas. Entretanto, o próprio cidadão amapaense não se vê estimulado a resgatar os aspectos mais importantes de sua cultura, tornando-se um mero repetidor de hábitos que foram influenciados pela globalização dos costumes.

De qualquer modo o debate em torno dos dilemas e perspectivas da cultura amapaense ainda é muito amplo e, por mais que muitos neguem, diz respeito a cada cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Tendo isso em vista é importante que cada um de nós passe a enxergar na cultura um mecanismo que é capaz de enriquecer a visão de mundo, auxiliando-nos a intervir no mundo para modificá-lo, através do resgate da cultura e de suas principais manifestações tipicamente amapaenses.

No Estado do Amapá existe uma comunidade denominada Igarapé do Lago que guarda tradições culturais e festivas relacionadas ao sagrado, sendo a festa de Nossa Senhora da Piedade um marco central que os moradores insistem em perpetuar por longas gerações.

No mapa de mudanças culturais que ocorrem na sociedade, em razão principalmente do acelerado processo de globalização, a identidade dos indivíduos e

os hábitos herdados dos antepassados estão cada vez mais dificultando o conhecimento a respeito para saber de onde o indivíduo se originou e para avaliar até onde este pode chegar.

Entretanto, essa concepção leva a reflexão a respeito de que o mundo de hoje está se tornando, progressivamente, menos apegado a tradições e hábitos moldados pela sociedade no passado.

Observa-se que os hábitos culturais estão sendo colocados em segundo plano em favor de um estilo de vida mais contemporâneo. É por isso que convém pensar um pouco na maneira como os seres humanos lidam com este fato. Se as pessoas não vêem a cultura como um "fluxo", ou se, por isso mesmo, preferem acreditar que seus modos de viver e de pensar são puros, estáveis, eternos, isso não representaria um motivo em si para impedir que outros venham a ter um conceito diferente. Antes, deve-se estimular o debate em favor da importância da cultura para que seja ampliada a visão de mundo do próprio homem.

Entretanto, antes do enfoque a respeito do objeto principal do estudo, ou seja, a Festa de Nossa Senhora da Piedade é necessário traçar um perfil histórico, geográfico e cultural da comunidade do Igarapé do Lago como forma de visualizar a riqueza da localidade e suas peculiaridades que contribuem para a formação cultural do Estado do Amapá.

CAPÍTULO III – HISTÓRICO DA VILA DO IGARAPÉ DO LAGO

3.1 IGARAPÉ DO LAGO: história e tradição



Foto 01 – Comunidade do Igarapé do Lago

A Vila do Igarapé do Lago foi descoberta no final do século XVIII, por volta de 1780, vindo a ser reconhecida e povoada em 1830, algumas décadas antes da libertação dos escravos.

No início de sua povoação havia apenas um sítio que pertencia a Dona Joana Barreto, onde trabalhavam vários negros. Com a assinatura da Lei Áurea, Dona Joana reuniu os negros e comunicou-lhes o fim da escravidão, podendo os mesmos ir para onde quisessem. Os negros pediram então permissão a Dona Joana para construírem suas casas em frente ao sítio dela e, assim surgiu a Vila do Igarapé do Lago.

Esta comunidade é constituída atualmente por vários grupos étnicos, tendo na sua maioria, uma população negra.

Do seu surgimento até 1911, o Igarapé do Lago era localidade de Macapá no território do Amapá e, a partir desta data, com a Lei 153-PMM, Santana passou a categoria de Distrito de Macapá e Igarapé do Lago tornou-se localidade de Santana

até o ano de 1989, quando então foi aprovado no Projeto de Lei nº. 09/91 PMS, transformando o Igarapé do Lago para Distrito de Santana.

O Povoado de Igarapé do Lago está localizado a cerca de 110 quilômetros da Capital, Macapá e tem como principais acessos a Santana: a via rodoviária, BR 156 e o Ramal do Igarapé do Lago (estradas não pavimentadas) e a via fluvial, Rio Vila Nova e Igarapé do Lago (vaus navegáveis), é localizada na zona rural em parte elevada, onde predominam os campos de terra firme.

A Vila é banhada por um Igarapé, afluente do Rio Vila Nova ou Anauerapucu, que se alonga por regiões de terras baixas, inteiramente alagadas durante o inverno (período chuvoso no começo do ano), formando um extenso lago. Daí sua denominação, Igarapé do Lago.

O Distrito do Igarapé do Lago possui aproximadamente 1.000 habitantes, sendo que as residências são feitas, algumas de madeiras e outras de alvenaria. Segundo Nelson Lau, muitas residências ficam fechadas a maior parte do ano, pois seus proprietários residem em Macapá e, só aparecem às vezes nos finais de semana. A Vila possui uma escola, a qual se chama Belmiro Macedo Medina, onde funciona apenas uma sala. Existem na localidade apenas uma Igreja Católica, uma Igreja Evangélica, um Posto Telefônico, um Posto Médico, um Posto Policial, um Posto de Abastecimento de Água da CAESA e uma Central de Energia, que funciona normalmente 24 horas.

O Igarapé do Lago é uma região muito bonita, piscosa, fauna variada, flora rica e densa, campos naturais que facilitam a pastagem do gado o ano inteiro. Uma população hospitaleira, pacata e trabalhadora.

Ainda é importante acrescentar que:

“A cultura na região onde se localiza o Igarapé do Lago, assim como em outras regiões, apresenta um conjunto de valores, de conhecimentos e de crenças, objetivando o conjunto da obra humana, onde se pode desenvolver a percepção de cultura material, a soma de artefatos produzidos pelo homem no meio onde está inserido”: (CASTRO, 2001, p. 26)

Nesse sentido é importante afirmar que o ambiente cultural é estável a própria natureza da aprendizagem de comportamento. O homem é herdeiro de um conhecimento que reflete a experiência adquirida pelas numerosas gerações. *“Entende-se aqui, por uma cultura nortista aquela que tem sua origem ou está influenciada em primeira instância, pela cultura do caboclo, do negro e do índio”*: (Loureiro, 1995, p.43)

Deste modo, na cultura da comunidade da Vila do Igarapé do Lago predominam as motivações decorrentes de um imaginário unificador expressos pelos mitos e pela realidade cultural e pela identidade presente na cultura cabocla que se identifica pela representatividade amazônica. Além disso, a própria historiografia se encarrega de recortar e articular de modo tão diverso, ora considerando como importante o vínculo entre as crenças da região amazônica, as relações de classe e as tradições que foram solidificando-se no decorrer dos anos, ora conectando-se ao cotidiano e as convicções pessoais e coletivas que formam uma lista considerável de lições transmitidas por gerações. Na realidade, considerações dessa ordem ampliam a compreensão e, conseqüentemente, a relevância da noção de contexto historiográfico.

De acordo com isso, a própria consideração da historiografia referente ao tema jamais consegue se esgotar ou mesmo dar conta da capacidade intelectual de qualquer obra mais significativa, até porque a espécie de discussão proposta não busca reproduzir trabalhos anteriores sobre o assunto, mas para incentivar e desafiar o apreciador, levando-o a refletir sobre a verdadeira influência dos mitos religiosos no imaginário coletivo.

Cabe, então, ressaltar que a cultura amazônica e amapaense fundamentada pelo isolamento e a identidade é representada pelo caboclo *“como produto da acumulação de experiências sociais e da criatividade dos seus habitantes”*. (LOUREIRO, 1995, p.55). Observa-se que a cultura Amazônica está repleta de símbolos preservados na memória coletiva que se destaca pela realidade dos homens, mulheres e crianças ribeirinhas que se estabelecem pelo olhar para a natureza que os cerca diante do mundo poeticamente natural.

Deste modo, é a linguagem o que caracteriza e marca o homem enquanto sujeito social e, nestes termos, é importante que se promova uma discussão a cerca da influência das crenças e da religiosidade sobre a formação histórica e cultural do povo amapaense.

Além disso, não se deve desperceber que a cultura do Amapá, se analisada com maior cuidado, apresenta semelhanças com aquelas crenças religiosas da comunidade do Igarapé do Lago, especialmente em relação às lições éticas e morais que estes buscam transmitir.

3.2 A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

A celebração de Nossa Senhora da Piedade, é uma ocasião respeitada e aguardada com muita ansiedade pelos moradores da Vila do Igarapé do Lago.

Apesar de existir na comunidade outros eventos que misturam o sagrado e o profano, a festa de Nossa Senhora da Piedade tem o seu diferencial, especialmente no que diz respeito ao costume de alguns participantes de pagarem as promessas feitas a santa e cumprirem determinados castigos que compõem o ritual da festividade em uma pedra denominada de “pedra do castigo”.



Foto 02 – Pagamento de promessas

Entre as doações feitas a Nossa Senhora como forma de pagar essas promessas constam velas, explosão de fogos, rezas e ladainhas particulares, o que reflete o poder que a homenageada possui sobre os fiéis.

Naturalmente, não é apenas a comunidade do Igarapé do Lago que rende homenagens a Nossa Senhora da Piedade, mas o curioso é perceber que aqueles que procuram a santa para pedir alguma graça, acabam por ser atendidos, o que leva muitos dos apreciadores da festa a acreditar que a santa da comunidade é capaz de operar milagres em maior escala.

O batuque é um dos recursos que acompanham a festa de Nossa Senhora da Piedade, sendo que existe o dia específico para que a comunidade se envolva com o seu ritmo e participe com animação da festa. Geralmente, escolhe-se o terceiro dia da festa para que o batuque seja realizado. Entretanto, é necessário dizer que o batuque está mais ligado a emoção e a vontade das pessoas, pois nos últimos anos a euforia ligada ao som do instrumento tem diminuído.



Foto 03 – Realização do batuque

Normalmente, os presentes que não pertencem a comunidade se empolgam com a festa e começam a dançar junto com os moradores da vila. Essas ocasiões são acompanhadas de uma interação importante visto que os acompanhantes da

festividade em homenagem a Nossa Senhora da Piedade passam a se envolver com algumas das etapas da festividade.

O número do público e dos participantes que comparecem à festividade é grande a ponto dos locais onde ocorrem as homenagens a Nossa Senhora ficarem lotados, principalmente no instante da missa em louvor a santa.



Foto 04 – Participantes da festividade

Também a alvorada é um outro aspecto da festividade que precisa ser reconhecido como essencial, especialmente porque nesse dia os moradores da vila iniciam as atividades bem cedo na manhã, como forma de expressarem o desejo de que tudo ocorra dentro do programado para as comemorações daquele dia. A alvorada assim, passa a ser uma demonstração evidente da fé e apego a santa e da forma como esta é considerada uma entidade que realmente protege a comunidade.

A ladainha é uma forma de oração cantada que acompanha os aspectos religiosos da festividade, ajudando os participantes a elevar o pensamento a uma entidade que poderá lhe trazer benefícios físicos, materiais e espirituais. Em geral os pedidos e as orações são acompanhados da ladainha cantada em latim e português, sendo que os participantes que são responsáveis por essa função não conseguem distinguir claramente uma linguagem da outra, com o acompanhamento da corte do mastro.



Foto 05 – A corte do mastro

3.3 A FESTA DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE COMO EXPRESSÃO DA CULTURA E DA RELIGIOSIDADE DOS MORADORES DO IGARAPÉ DO LAGO

Inicialmente, a equipe se dirigiu até a comunidade do Igarapé do Lago para estabelecer um primeiro contato com os moradores do lugar e conhecer alguns de seus hábitos. De forma hospitaleira o grupo foi bem recebido por todos a ponto dos moradores se disporem a oferecer informações a respeito do modo de vida dos habitantes da localidade, bem como sobre a festividade de Nossa Senhora da Piedade, objeto de estudo do trabalho.

Nesse contexto, tratamos de esclarecer os objetivos do trabalho que iríamos realizar, explicando inclusive que através da pesquisa de campo seria possível que a sociedade pudesse conhecer em detalhes como a cultura, a religiosidade e a identidade da comunidade refletem-se numa de suas principais comemorações, a saber, a festa de Nossa senhora da Piedade. À medida que deixamos clara a finalidade de nossa presença buscamos extrair informações pontuais a cerca da festividade em si, questionando junto aos representantes da comunidade sobre a existência de informativos relacionados à Festa de Nossa Senhora da Piedade, bem como em qual dia seria realizados os festejos alusivos a santa e de que forma poderiam contribuir com informações sobre os principais aspectos religiosos e

profanos presentes no decorrer dos dias pelos quais se estenderiam a comemoração.

Nesse contato inicial deixamos claro que iríamos retornar a comunidade para realização de entrevistas que esclarecessem detalhes sobre os ritos associados a adoração da santa, além de todos os aspectos sobre a religiosidade, a fé e a cultura que caracterizam a festividade.

A visita seguinte foi dedicada as entrevistas com os membros da comunidade selecionados para fornecer informações essenciais que pudessem nos auxiliar no relato posterior que faríamos, a fim de que as principais noções referentes ao significado da comemoração da festividade fossem incluídas no trabalho final.

Por exemplo, na consulta feita aos entrevistados uma das questões levantadas tratava de saber qual a importância de se realizar regularmente a Festividade de Nossa Senhora da Piedade. Em resposta conseguimos obter a informação de que esta festividade é realizada com prazer por se seguir uma tradição que foi passada de geração em geração e que até hoje se mantém firme e viva dentro da Comunidade.



Foto 06 – Gerações de participantes da festividade de Nossa Senhora da Piedade

Alguns dos depoimentos que merecem ser destacados são, respectivamente, da senhora Maria Simões Paes, Nelson Lemos Lau, Antônia Macedo Flexa, Dona Olga Valente Jacarandá e Domingos Belo, pela capacidade que essas pessoas tiveram de vislumbrar detalhes minuciosos a respeito dos preparativos, do

desenvolvimento e dos efeitos da festividade sobre todos aqueles que participam diretamente da comemoração e sobre aqueles que servem como expectadores.

Segundo dona Antônia Macedo é uma grande honra ter responsabilidades e participação na festividade. Segundo ela o momento mais importante da cerimônia é aquele em que os participantes se dedicam com fé em rezar e refletir sobre a espiritualidade e o significado do sagrado, apesar de reconhecer que o povo antepassado incentivava mais e eram dedicados a preparação e a realização da festa. Hoje a festividade conta com som mecânico, sendo que essa atitude tem reduzido a importância de se obedecer aos verdadeiros costumes da festividade.

Nesse respeito dona Antônia esclareceu que as apresentações do batuque não contam com a participação de um número maior dos membros da comunidade, as bailantes ou devotas da santa é que acompanham o batuque. São 40 mulheres entre crianças e idosas.



Foto 07 – Dança das devotas da santa que acompanha o batuque

A senhora Maria Simões Paes esclareceu que qualquer pessoa interessada pode fazer parte da festa, embora as comemorações sejam realizadas exclusivamente para a comunidade. Em seu ponto de vista a cultura, ou seja, a ladainha é a manifestação mais interessante dentro da festa de Nossa Senhora da Piedade. Dona Maria Simões contou que hoje o baile popular onde todos participam dançando possui muita diferença em relação ao modo em que a festa era realizada, pois, antigamente a festa acontecia no mato em barracas que eles mesmos faziam,

e hoje essa tradição acabou, sendo realizadas em uma sede, sendo que o único trabalho que eles têm é de organizar e limpar a sede onde será realizada a festa.

Após as entrevistas iniciais, a equipe retornou a vila para o registro fotográfico. Ao se chegar a comunidade do Igarapé do Lago alguns moradores nos orientaram sobre o local e a hora do começo da festividade, desde a ladainha ao batuque. Fato importante observado pelo grupo foi o cuidado das senhoras mais idosas em estarem preparadas para participarem do batuque, além da organização na preparação do alimento que é oferecido aos componentes da comunidade e aos observadores e curiosos que prestigiam a festa de Nossa Senhora da Piedade.

No decorrer de 10 (dez) dias esses rituais se seguem, sendo que foi constatado que uma parte importante da religiosidade da comunidade do Igarapé do Lago é que a festa em homenagem a Nossa Senhora da Piedade é realizada com o objetivo de que os participantes façam suas promessas e agradeçam por graças alcançadas.



Foto 08 – Procissão final da festividade de Nossa Senhora da Piedade

Os fiéis e espectadores, após a alvorada, são convidados a tomar um café da manhã preparado pela comunidade e no horário do almoço é servido vários alimentos. Às 05 (cinco) horas da tarde é realizada a procissão onde os participantes caminham nos limites da Vila do Igarapé do Lago, retornando ao centro da vila, no mesmo instante em que os foliões descem a bandeira com a imagem de Nossa Senhora da Piedade, entrando na igreja entoando a ladainha em conjunto com os fiéis. Também é necessário acrescentar que existe a chamada procissão fluvial ou

procissão da meia-lua, onde os foliões e as autoridades soltam fogos no trajeto do rio dando três voltas nos limites do próprio lago.



Foto 09 – Procissão fluvial

Finalmente, é necessário esclarecer que todos os procedimentos relacionados a festividade de Nossa Senhora da Piedade são programados e organizados por uma diretoria pertencente a própria comunidade chamada de União Folclórica do Igarapé do Lago (UFIL).

Assim, pode-se considerar o conjunto de rituais, costumes e hábitos da comunidade do Igarapé do Lago em relação à festividade de Nossa Senhora da Piedade como uma forma visível de se manter vivas as tradições características da cultura amapaense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mapa de mudanças culturais que ocorrem na sociedade amapaense, em razão principalmente do acelerado processo de globalização, a identidade dos indivíduos e os hábitos herdados dos antepassados estão cada vez mais dificultando o conhecimento a respeito para saber de onde o indivíduo se originou e para avaliar até onde este pode chegar.

Entretanto essa concepção leva a reflexão a respeito de que o mundo de hoje está se tornando, progressivamente, cada vez menos apegado a tradições e hábitos moldados pela sociedade no passado.

Na realidade, os hábitos culturais estão sendo colocados em segundo plano em favor de um estilo de vida mais contemporâneo. É por isso que convém pensar um pouco na maneira como os seres humanos lidam com este fato. Se as pessoas não vêem a cultura como um "fluxo", ou se, por isso mesmo, preferem acreditar que seus modos de viver e de pensar são puros, estáveis, eternos, nem por isso elas deveriam ter a oportunidade de impedir que outros venham a ter um conceito diferente, mas, antes, devem estimular o debate em favor da importância da cultura para que seja ampliada a visão de mundo do próprio homem.

Assim, discutir a cultura de um povo, incluindo seus hábitos, suas crenças e seu modo de vida constitui um exercício de interpretação que antropólogos, sociólogos, educadores e jornalistas assumem com maior frequência em face do processo de globalização que tem aproximado e ultrapassado os limites entre o que é próprio de um povo daquilo que lhe é estranho.

A pesquisa em torno da importância da festa de Nossa senhora da Piedade para a comunidade do Igarapé do Lago deixou claro que uma das características principais presentes na comunidade é o apego a sua religiosidade e a herança cultural transmitida pelos antepassados, fato esse evidente no cuidado com que os membros da vila fazem questão de guardar os rituais, as crenças e os costumes associados a celebração da festividade.

Compreende-se que para manter essa tradição cultural tão importante para os membros mais antigos da comunidade é preciso que um trabalho de conscientização seja feito desde muito cedo dentro da própria comunidade. Apesar dos esforços de alguns membros de destaque no sentido de preservar e promover a importância da festa, as famílias que compõem o núcleo quilombola devem ajudar

seus filhos a reconhecer que a herança cultural relacionada à festa de Nossa Senhora da Piedade e o sentimento religioso que a acompanha precisa receber atenção a ponto dos mais jovens assumirem um envolvimento maior com todos os aspectos incluídos na festividade.

Também as políticas públicas do Estado devem atentar para o fato de que a divulgação maciça do evento é uma oportunidade valiosa de se promover as tradições que remetem a um período em que os negros lutaram para manter vivos seus costumes e crenças, ainda que adversidades surgissem com freqüência.

O trabalho contribui para que a sociedade conte com um registro fiel a respeito de uma festividade que muitas vezes não recebe a atenção e o devido valor enquanto expressão da cultura do povo amapaense, ajudando essa mesma sociedade a ter um envolvimento cada vez maior com a celebração.

Assim, após a conclusão do trabalho reconhece-se que a visão que o grupo tinha sobre a festividade, os costumes e tradições associadas ao culto a Nossa Senhora da Piedade mostrava-se incompleta. Após a realização da pesquisa essa visão foi se enriquecendo de forma que o trabalho produzido reflete a compreensão da equipe sobre o grande valor da cultura amapaense e suas manifestações religiosas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vicente Corrêa de. **Cultura: antropologia e definições**. 2 ed. São Paulo: Souza Associados, 2001

AMARAL, Francisco J. **Cultura e antropologia: sentidos e contra-sensos**. São Paulo: Moderna, 1997

ASSIS, Geraldo. **Sociedade e Cultura**. Rio de Janeiro: EDURJ, 2002

CARRIL, Débora H. **Cultura e aculturação: história social das sociedades**. Porto Alegre: mediação, 2000

CASTRO, Dílson K. **História das civilizações**. 2 ed. São Paulo: Paurus, 2001

CAVALCANTE, Gilson de Lima. **Cultura Popular: mitos e fatos**. São Paulo: EDUSP, 2000

CAXIAS, Fernando G. **A cultura popular e a construção da sociedade**. São Paulo: Moderna, 1999

CAMPBELL, John. **Cultura e imaginário popular**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1990

CARVALHO, Heraldo Freitas. **O popular e a sua cultura: mistificações e conhecimento**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002

FILHO, Lucio de S. **Cultura e iconografia: fundamentos**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005

GEERTZ, Richard. **Antropologia cultural: o processo de aculturação dos povos**. 2 ed. São Paulo: Metodista, 1989

GOMES, Heloísa. **Tradição, festividade e cultura**. 2 ed. São Paulo: Paurus, 2000

GOUVEIA, Celso F. **Tradições festivas e cultura popular**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2002

JÚNIOR, Helio S. **Tradição e cultura**: conceitos e significados. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1997

LOUREIRO, Fernando C. **Fundamentos da cultura popular**. São Paulo: Ática, 1995

MARCONI, Tereza de Lima. **A cultura e os povos primitivos**: encaminhamentos antropológicos. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006

MEIRELLES, Eduardo Couto. **Cultura e comunicação**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 1992.

MOURA, Luís de B. **Cultura e civilização**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 1998

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Tradições culturais e os símbolos sociais**. Rio de Janeiro: EDURJ, 2002

RAWLS, Eduard. **Tradições e mitos populares**: fé e razão em confronto. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1995

RENOIR, Jean T. **Cultura e patrimônio imaterial**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1996

SALLES, Francisco S. **A popularização da cultura**: fundamentos e perspectivas. São Paulo: Terra, 2002

SANTOS, Geraldo Verdani. **Antropologia, leitura e iconografia**. Porto Alegre: Mediação, 2006

SERRÃO, Linton. **Cultura brasileira e antropologia**. 2 ed. São Paulo: EDIPE, 1998

SILVA, Felipe de A. **A modernidade e sua cultura**. Rio de Janeiro: EDURJ, 1999

TEPE, Romualdo. **Religiosidade e cultura**. 2 ed. São Paulo: Silva Associados, 2003

THOMAS, Henri C. **A cultura e as tradições populares**. Rio de Janeiro: Souza Associados, 1992

TOMÁZIO, Augusto J. **Festividades culturais e o sentido da tradição**. São Paulo: EDUSP, 2000

VAINFAS, Ronaldo. **Cultura e Ciência: princípios e fundamentos**. São Paulo: EDUSP, 1997

VIEGAS, Ana Lúcia. **A cultura: definições clássicas e contemporâneas**. 4 ed. São Paulo: Paurus, 2000

ANEXOS

ENTREVISTA COM OS MORADORES DA COMUNIDADE DO IGARAPÉ DO LAGO

1 – Entrevista com uma das organizadoras da Festa de Nossa senhora da Piedade, dona Maria Simões Paes.

Entrevistador: Como surgiu a festa de nossa Senhora da Piedade?

Dona Maria Simões Paes: “Esta Festa tem mais de 140 anos, ela foi trazida do Mazagão Velho para o Igarapé do Lago pelo seu Belmiro Macedo Medina e dona Custódia Macedo, eles compraram uma imagem da Santa em Belém do Pará e começaram a fazer as novenas aqui no Igarapé do Lago e até hoje ficou, e quem estava responsável pela Santa era seu Lázaro Macedo e dona Antonia Macedo que, são filhos dos dois, como seu Lázaro faleceu esse ano, agora a Santa está aos cuidados de dona Antônia, eles são uma grande família, quando um morre, passa para as mãos do outro, é de geração em geração”.

Entrevistador: Existe uma diretoria que organize a Festa de Nossa Senhora da Piedade?

Dona Maria Simões Paes: “Sim, existe a UFIL (União Folclórica do Igarapé do Lago), ela é uma sociedade de direito privado, com personalidade Jurídica própria e é constituída por filhos e amigos do Igarapé do Lago, ele promove, coordenar e organizar as festividades religiosas e profanas comemorativas à Nossa Senhora da Piedade, incluindo “Festa do Mastro”, peregrinação da imagem, folia, batuque, e outras festas de origem afro nas comunidades negras tradicionais do nosso estado.”

Entrevistador: E em que ano foi fundada essa diretoria?

Dona Maria Simões Paes: “Ela foi fundada no dia 02 de julho de 1986”.

Entrevistador: E desde que foi fundada, a comissão organizadora continua a mesma?

Dona Maria Simões Paes: “Sim, continua a mesma, agora é que irá ter uma nova eleição para mudar essa comissão antiga, os candidatos de qualquer chapa deverá ser descendente da família Macêdo”.

Entrevistador: Quando inicia a Festa de Nossa Senhora da Piedade e o que ocorre durante a mesma?

Dona Maria Simões Paes: “A festa tem início no dia 24/06 e termina no dia 03 de julho. Inicia com uma semana de novena, depois tem uma novena acompanhada de batuque, a corte do mastro, a procissão em volta da vila, a esmola geral e o baile popular, depois temos a procissão fluvial (meia lua), e a apresentação do batuque e por fim temos a derrubada do mastro”.

Entrevistador: Porque a Ladainha é cantada em latim e português?

Dona Maria Simões Paes: “Já é uma tradição nosso cantar em Latim, a ladainha em português nós usamos para casos de falecimento”.

Entrevistador: Essa festa de Nossa senhora da Piedade é só para a comunidade do Igarapé do Lago?

Dona Maria Simões Paes: “Não, qualquer pessoa interessada pode fazer parte dessa festa, embora esta festa seja realizada exclusivamente para a comunidade”.

Entrevistador: Quais os Santos que vocês comemoram aqui no Igarapé do Lago?

Dona Maria Simões Paes: “Nós comemoramos três Santos, o Divino Espírito Santo no dia 02 de fevereiro, Nossa Senhora da conceição no dia 08 de Dezembro e Nossa Senhora da Piedade no dia 02 de julho onde a comemoração é maior devido os participantes pedirem graças a Santa e na maioria das vezes são atendidos e vem pagar as promessas a ela, muitos mandam até bilhetes de outro estado pedindo a graça”.

Entrevistador: Dona Maria, obrigado pela entrevista.

Entrevista com um dos organizadores da Festa de Nossa Senhora da Piedade, Sr. Domingos Belo.

Entrevistador: Quais são os membros participantes da festa de nossa Senhora da Piedade e o que fazem?

Domingos Belo: “Tem o mantenedor, mestre-sala, porta-bandeira, foliões, guardiã da Santa e as dançadeiras. O mantenedor é o mestre de disciplina,

ele estabelece a pena aos foliões que não cumprem alguma obrigação com a Santa. O mestre sala são dois, eles obedecem às ordens do mantenedor, o porta-bandeira retrai o folião que desobedece alguma ordem, os foliões são 27 ao todo e eles tocam os instrumentos e acompanham a Santa na procissão. A guardiã da Santa é responsável pelos promessistas e pelo zelo da Santa, as pessoas que fazem promessas para a Santa, entregam as promessas com as fitas para ela. As dançarinas ou bailantes são 40 mulheres entre idosas e crianças que dançam o batuque, elas são chamadas de escravas da Santa”.

Entrevistador: A festa de Nossa Senhora da Piedade sofreu transformações nos últimos anos? Quais?

Domingos Belo: “Sim, antigamente a festa era mais animada porque tinha vários instrumentos, hoje só contamos com os tambores, as taboqueiras e o raspador, mas também houve melhoras na sede onde acontece o baile popular e as roupas dos foliões foi modificada”.

Entrevistador: Houve maior desenvolvimento na comunidade depois que começou a se expandir a divulgação dessa festa?

Domingos Belo: “Não, por que até hoje não conseguimos a transformação do Igarapé do Lago em Município, faltam mais escolas, por exemplo, aqui só tem uma escola a Belmiro Macedo Medina, só temos um agente distrital que responde pelo prefeito de Santana e ainda são poucas as habitações, o povo ganha terreno, faz sua casa e deixa fechada, só voltam nos fins de semana e ainda não temos uma linha de ônibus especial e nem pavimentação na estrada que vem pra cá, isso facilitaria a vinda do povo”.

Entrevistador: A festa de Nossa Senhora da Piedade recebe apoio financeiro de algum órgão ou entidade?

Domingos Belo: “Sim, todos os anos recebemos apoio do Prefeito de Santana, do Governador e da FUNDECAP.

Entrevistador: Seu Domingos muito obrigado pela entrevista.

Entrevista com o Mestre-Sala da Festa de Nossa Senhora da Piedade no Igarapé do Lago o Sr. Nelson Lemos Lau.

Entrevistador: Qual a diferença do batuque do Igarapé do Lago para o batuque do Marabaixo?

Nelson Lemos Lau: “O batuque do Igarapé do Lago é feito com os tambores daqui que são cobertos com couro de boi e as caixas de macacaúba e no marabaixo o som é diferente, as caixas são feitas de lata e são cobertas por couro de cobra e as músicas e as danças são diferentes. Existe também o batuque em outras comunidades e todas com o som do marabaixo, somente aqui que não é usado, a não ser no dia da levantação do mastro que então convidamos o batuque do marabaixo para fazer o batuque”.

Entrevistador: Quais os instrumentos musicais que vocês usam durante a festa de Nossa Senhora da Piedade?

Nelson Lemos Lau: “Nós usamos os três tambores que são chamados de macaco, macaquinho e cupiúba porque eles são feitos de tronco de macacaeiro e também o raspador que é feito de bambu com gomos escavados por fora onde é passado uma vareta sobre eles e as taboqueiras feitas de bambu onde é colocado milho para fazer o som, nós mesmos da comunidade é que fazemos os instrumentos, os tambores são centenários que nós preservamos até hoje”.

Entrevistador: Quais instrumentos vocês utilizam na procissão?

Nelson Lemos Lau: “Na procissão pela vila nós levamos a talabarda com fitas que é uma cruz tipo estandarte ornamentada com fitas acetinadas de cores azul e branco, nós levamos a bandeira com a imagem da Santa e uma com a imagem de Jesus Cristo, eles representam a fé e o respeito cristão. A bandeira com a imagem da Santa também é usada durante a procissão fluvial.

Entrevistador: Como é feito o ritual do almoço dos foliões?

Nelson Lemos Lau: “Após a procissão é servido o almoço para os foliões e alguns convidados. E quem serve à mesa são os dois mestres-sala e, quem observa é o mantenedor. O almoço é servido em pequena quantidade para

todos, pelos mestres-sala, após, cada um se serve, no final não se pode deixar restos no prato e nem se levantar antes dos outros, se alguém descumprir esse ritual, irá pagar penitência assim também quem faltar com alguma obrigação com a Santa. O castigo será na pedra do castigo no período de novenas”.

Entrevistador: O que é pedra do castigo?

Nelson Lemos Lau: “É uma pedra retangular feita de concreto, onde o folião irá se ajoelhar para pagar a penitência, ele reza três pai nosso, três ave Maria e três Santa Maria, após isso ele terá cumprido a penitência e terá não só purificado sua alma como as dos demais presentes.

Entrevista com dona Antonia Macêdo Flexa moradora antiga e organizadora da Festa de Nossa Senhora da Piedade.

Entrevistador: Dona Antonia, a senhora é uma das responsáveis pela imagem da Santa?

Dona Antonia Macedo: “Sim, porque sou uma das mais antigas da família Macedo, antes era eu e meu irmão Lázaro, ele morreu e agora eu fiquei responsável, quando eu morrer, os meus filhos é que ficarão responsável, é de geração em geração.

Entrevistador: Por que vocês escolheram homenagear a Santa Nossa Senhora da Piedade visto que vocês comemoram mais dois Santos?

Dona Antonia Macedo: “Porque ela é milagrosa, ela realiza milagres, as pessoas recebem muitas graças dela e vem aqui pagar as promessas na época da festa em que se festeja o dia dela.

Entrevistador: E o que eles trazem para pagar as promessas?

Dona Antonia Macedo: “Eles trazem toalhas para ela, bandeira grande que amarra no pau para sair na meia lua, toalhas para botar no altar, velas e muitas outras coisas”.

Entrevistador: Qual o momento mais importante da festa para a senhora?

Dona Antonia Macedo: “O momento mais importante da festa pra mim é o momento da cerimônia, onde os participantes se dedica com fé em rezar e também refletir sobre a espiritualidade e sobre o significado do sagrado.

Entrevistador: E qual é a importância de Nossa Senhora da Piedade para a senhora?

Dona Antonia Macedo: “Ela é muito importante pra mim, ela é milagrosa, se eu tiver um doente e ele estiver muito doente eu então peço para a Nossa Senhora da Piedade curar ele, eu digo “oh! minha Nossa Senhora da Piedade me ajuda que o fulano de tal fique bom”, e tenho muita fé nela, nós considera, nós aceita muitas graças dela e toda comunidade aceita e recebe graças dela.

Entrevistador: Dona Antonia muito obrigado pela entrevista.